



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADES DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

LÍLIAN FERREIRA BRITO

**A CONTRIBUIÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS DE CONTOS E LENDAS NO PROCESSO  
DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 6º ANO NO  
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA**

ABAETETUBA/PARÁ  
2017

LÍLIAN FERREIRA BRITO

**A CONTRIBUIÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS DE CONTOS E LENDAS NO PROCESSO  
DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 6º ANO NO  
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura Letras Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Sara Chena Centurion.

ABAETETUBA/PARÁ  
2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

B862c Brito, Lílian Ferreira.  
A contribuição das narrativas orais de contos e lendas no  
processo de construção da leitura e escrita dos alunos do 6º ano no  
município de Abaetetuba / Lílian Ferreira Brito. — 2017.  
20 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. MSc. Sara Concepción Chena Centurión  
Centurión

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Ensino. 2. Narrativas. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Título.

CDD 370

---

LÍLIAN FERREIRA BRITO

**A CONTRIBUIÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS DE CONTOS E LENDAS NO PROCESSO  
DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 6º ANO NO  
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA**

BANCA EXAMINADORA:

---

---

---

# A CONTRIBUIÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS DE CONTOS E LENDAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 6º ANO NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA

Lílian FERREIRA BRITO<sup>1</sup>

Sara CHENA CENTURION<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo revalorizar as narrativas populares como estratégia de ensino na prática docente no município de Abaetetuba, tomando por embasamento os pressupostos de alguns teóricos de grande relevância para as pesquisas de cunho narrativo, como Abramovich(1991), Rubens Alves(2011), Darnton(2001), Bussato (2003) entre outros que serão de grande valia para a construção desse trabalho. Por meio de um levantamento bibliográfico e de uma pequena entrevista realizada com três professores da rede pública de ensino do município de Abaetetuba, apresentaremos diferentes abordagens a cerca do nosso objeto de estudo, no intuito de demonstrar um caminho possível para a utilização das narrativas regionais como um instrumento auxiliar na prática docente dos professores de Língua Portuguesa, no que tange o processo de letramento dos alunos do ensino básico. Por meio desse estudo também ressaltaremos os pormenores existentes no âmbito educacional interligados a efetividade do uso das narrativas dos contos e lendas que constituem a identidade cultural Abaetetubense, possibilitando desse modo uma conclusão contundente e uma proposta de ensino relevante.

Palavras-chave: Ensino. Narrativas. Leitura. Escrita.

---

<sup>1</sup>Universidade Federal do Pará (UFPA); [lillianbrito05@gmail.com](mailto:lillianbrito05@gmail.com)/Graduanda do curso de Letras/ Habilitação em Língua Portuguesa/Turma 2013

<sup>2</sup>Professora orientadora Mestre em Linguagens e saberes da Amazônia/PPGSA/UFPA

## **1. Considerações iniciais**

Nasci e fui criada as margens do Rio Abaeté, uma entre tantas ilhas do município de Abaetetuba, e como uma boa ribeirinha que sou, cresci ouvindo meus avós contando os grandes “causos” típicos daquela região e que agora estão ameaçados a se perderem no esquecimento dos mais novos, algo que se caracteriza como uma grande perda, tanto para nossa cultura quanto para o ensino.

Lembro o quanto foi enriquecedor para a minha aprendizagem imaginar os botos e curupiras que circulavam no imaginário de todas as crianças que se sentavam no círculo de contação de histórias para ouvir as grandes lendas que encantavam e assombravam nossa geração, que instigavam nosso imaginário a descobrir um novo mundo de misticismo e magia onde tudo era possível, desde botos se transformarem em homens, até cobras gigantes que poderiam destruir a cidade ao se mexer.

Tendo em vista a riqueza de contos e lendas do município de Abaetetuba, e seu valor para a educação, nos propusemos a enfatizar ao longo da elaboração desse trabalho a importância de valorizar esse legado cultural como um suporte no processo de ensino- aprendizagem que poderá contribuir significativamente no desenvolvimento de diversas habilidades de leitura e escrita, assim como possibilitar uma maior aproximação dos educandos com a cultura de sua região, demonstrando por meio de teorias e possibilidades de ensino, o valor agregado as narrativas regionais no âmbito educacional.

## **2. Uma visão sócio-histórica das narrativas orais**

Apesar das muitas pesquisas realizadas para a construção desse artigo, nenhuma das fontes consultadas puderam esclarecer com precisão a origem das contações de histórias, de certo que muitos pesquisadores já se debruçaram sobre essa investigação, mas até a atualidade o que ainda temos são suposições. Segundo Batista (2007, p. 55) “É possível que tenha surgido com a própria linguagem verbal, muito antes da criação da escrita, se constituindo numa forma de comunicação e interação social, que possibilitou a preservação

das tradições.” Mesmo, sem muitos estudos concretos, a autora ressalta através dessa passagem, o quanto as narrativas contribuíram para dar continuidade aos saberes populares, transmitindo através da oralidade grande parte do conhecimento de uma cultura para outra e mantendo viva através dos séculos as mais diversas identidades sócio-culturais.

Apesar das origens das narrativas orais se perderem no tempo, seus resquícios se mantiveram vivos para provar sua presença na cultura de diversos povos e nos mais variados tempos. Na antiguidade ela subsistiu na figura dos Rapsodos e Aedos, poetas respeitados pelo povo e considerados detentores da memória e da tradição. Sobre eles comenta VERNANT, (2002):

Poetas que possuem um estatuto muito diferente daquele de *nossos* poetas, poetas que desempenham na sociedade um papel fundamental; o Aedo inspirado é, de certa forma, a memória coletiva do grupo, ele é, ao mesmo tempo o “livro”, no qual está reunido todo o saber que constitui o cimento social do grupo, e conta histórias – e todos sabem que está contando histórias! ( p. 201)

Por meio do suscitado, compreende-se que o Aedo era a personificação da identidade cultural do povo grego, nele se centrava toda a sabedoria e conhecimento acumulado pelo povo, representando por meio de suas narrativas, as características que identificavam a cultura grega e resguardava sua tradição, sendo assim o povo grego o considerava uma figura intocável e sagrada por servir de receptáculo da deusa Mnemósine, mãe das Musas , ao qual ela se apossava para transmitir seus conhecimentos, ELIADE (1998, p.108) considera que “Quando o poeta é possuído pelas musas, ele sorve diretamente da ciência de Mnemósine, isto é, sobretudo do conhecimento das ‘origens’ dos ‘primórdios’, das genealogias.” Considerando tal assertiva, fica evidente que a cultura grega depositava em uma figura mítica toda a sua sabedoria ancestral agregada aos conhecimentos advindos de sua vivência social que por meio das narrativas alcançaram outras culturas outros povos, outros tempos.

Ao fim da antiguidade e início da Idade Média as narrativas se expandiam, ganhavam forma e tons diversos nas vozes dos jograis, trovadores e menestréis, personagens históricos, que “cantavam” suas declamações como meio de transmitir suas memórias e resguardá-las do esquecimento, logo esse hábito também passou a fazer parte da comunidade comum, lavadeiras,

agricultores, trabalhadores em geral que passaram a se reunir em rodas de conversa ao fim do dia para narrar sua vivência, construindo assim uma identidade social e coletiva.

É evidente que por se tratar de um período onde a escrita gótica<sup>3</sup> estava em processo de formação e era privilégio de poucos, dos quais os monges e eclesiásticos detinham o maior acesso, a influência da tradição oral foi de grande importância para a manutenção dos valores e da cultura. Segundo Darnton (2001, p. 31), do século XII ao XV “os pregadores medievais utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais”. Desse modo, a igreja mantinha o controle sobre o povo, transmitindo através de seus discursos religiosos, as consequências torturantes que aguardavam aqueles que não seguissem as normas impostas pela igreja. O domínio da igreja sustentou-se no temor dos fieis que até meados da Idade Média alta, viviam sob o controle dos reinados e constante vigilância da igreja.

Segundo Darnton (2001) até meados do século XVIII, início da idade moderna, a igreja foi perdendo sua influência, os contadores de histórias, dos quais os trovadores ganham maior destaque, já não se ocupavam em fazer uso de eufemismos para amenizar seus contos criados a partir da realidade vivenciada durante a Baixa Idade Média, as descrições realizadas por eles eram puras e fieis, retratando a imagem fidedigna da situação de miséria e sofrimento vivida pelos camponeses, constituindo-se assim uma literatura histórica que possibilita-nos conhecer com maior riqueza de informações os contextos em que os camponeses estavam inseridos. (ibidem, p.78), afirma que “ sem fazer pregações, nem dar lições de moral, os contos franceses demonstram que o mundo é duro e perigoso” e que os tão conhecidos “ finais felizes” dos contos tradicionais como “João e Maria” e “Chapeuzinho vermelho” são produtos de outro tempo que iniciou-se a partir do século XVIII.

Até então os contos, com destaque para as adaptações francesas, representaram para a classe menos favorecida uma espécie de literatura de resistência contra as injustiças e o descaso, onde a principal arma de luta era a capacidade de tirar proveito das situações que ocasionalmente surgiam, a

---

<sup>3</sup> Grafia utilizada no primeiro sistema de imprensa, caracterizada por linhas angulosas e delgadas

esperteza propriamente dita. DARNTON (2001,p 78-82) conclui que “A velhacaria sempre joga o pequeno contra o grande, o pobre contra o rico, o desprivilegiado contra o poderoso os contos diziam aos camponeses como era o mundo; e ofereciam uma estratégia para enfrentá-lo”, essa passagem demonstra a característica que os menos afortunados tinham que enquadrar em seu caráter para garantir sua subsistência, traço que também marcou outras culturas no decorrer do tempo.

Com essa gradual passagem do tempo, as narrativas orais chegaram ao Brasil, que assim como a constituição de outras culturas, traçaram o caminho da diversidade, da mistura de povos e grupos oriundos de diversas partes do mundo, que ao chegar em solo brasileiro depararam-se com a grandiosidade das suas florestas e de seus habitantes nativos, os indígenas. Essas culturas passaram a conviver lado a lado influenciando-se mutuamente, gerando assim um multiculturalismo que veio a se tornar a mais rica característica da sociedade brasileira. Confirmando tal assertiva, CASCUDO (2006) aponta que:

A literatura Oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e o uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedota, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar.( p. 27)

Sendo assim, as muitas histórias contadas ao longo da construção da cultura nacional brasileira, refletiam a diversidade de muitos povos e raças que passaram a conviver e a construir uma identidade própria e rica de dialetos e mestiçagens,por isso não se pode afirmar que exista uma narrativa exclusiva de um determinado povo. Nesse sentido, COSTA (1998) afirma:

No caso da cultura brasileira, devemos ter em mente que a tradição oral ibérica trazida com a língua e a cultura portuguesa, por razões históricas, é a principal vertente de nossa cultura popular. Porém o legado ibérico, mesclado com a contribuição negra e indígena, enriquecido pela interferência de elementos tomados de um contexto sociocultural brasileiro, resultou em uma tradição diferenciada da européia.(p. 21)

Partindo desse pressuposto, o Brasil quanto nação fruto de muitas origens, pode ser concebido como um dos maiores e mais ricos países em cultura e mestiçagens e que por meio de suas narrativas expressam toda essa

variedade cultural, assim também como retratam cada canto de floresta e rios que predominam e engrandecem nosso país.

Mais do que um hábito ligado as práticas rotineiras das culturas passadas, as narrativas representaram a sobrevivência de sua história, marcaram sua existência no tempo e transmitiram seus valores e conhecimentos ao longo dos séculos, importância essa que de maneira alguma pode ser suplantada ou desmerecida e as instituições escolares devem tomar para si o compromisso de preservar esse legado e fazer bom uso dele em prol de uma educação efetiva e sócio-culturalmente engajada, como será discutido na seção seguinte.

## **2.1 Aspectos pedagógicos das narrativas regionais**

A escola, sendo um espaço de construção de conhecimento e onde acontece a educação formal, atualmente vem deixando a oralidade em segundo plano para dar lugar a supremacia da escrita, uma necessidade a ser suprida pelas novas demandas sociais e que tem como contraponto a falta de dinâmica e interatividade, tornando assim o ensino desestimulante.

Diversos autores e professores reconhecem que os alunos não gostam de estudar porque a escola não é um espaço que lhe permita sentir prazer e emoções, e isso pode estar relacionado à ausência do imaginário, da fantasia, do misticismo fascinante dos contos e narrativas fantásticos que estão intimamente enraizados em nossa cultura, nesse sentido, oferecer oportunidades aos nossos alunos de estar em constante contato com os elementos de sua cultura é imprescindível para um ensino mais efetivo. Assim, RODRIGUES (2005) considera que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. ( p. 4).

Esta reflexão nos desperta para a necessidade de desconstruirmos antigas práticas de ensino rígidas e descontextualizadas, que limitam a capacidade criativa dos alunos, ofertando-lhes conceitos prontos e inquestionáveis que nada tem a contribuir para uma aprendizagem significativa

e autônoma. É necessário deixarmos esse passado para trás e buscarmos tornar o ensino atrativo e contextualizado, devemos oferecer possibilidades e não conceitos, permitir que aluno seja sujeito do seu próprio aprendizado, seja crítico, questionador, criativo, ousado e perspicaz; características necessárias para que ele exerça plenamente sua cidadania e se torne um indivíduo atuante em sua sociedade. Em uma entrevista à TV Paulo Freire, ocorrida no dia 12 de 2007, FRIGOTO ressaltou essa questão dizendo:

Escolas com pouca cultura, pouco teatro, música, arte, são escolas pobres porque não permitem conhecer a alma da humanidade, que se conhece pela arte, pela ciência também, mas pela arte, pela cultura, havendo necessidade que se forme professores com essa concepção e não uma visão de capital humano, mercantilista. (p.15)

Sendo assim, é necessário haver empenho e dedicação no ato de ensinar, o professor precisa sair do comodismo e buscar todas as possibilidades possíveis para que o ensino se torne significativo e relevante, afinal tornar o ensino-aprendizagem fonte de encantamento para nossos alunos, é tarefa árdua, mas não impossível, basta que saibamos utilizar didáticas adequadas, nesse sentido as narrativas regionais contribuem com uma possibilidade enriquecedora no ensino de língua materna, pois além de encantarem, elas proporcionam o desenvolvimento de diversas habilidades inerentes a leitura e escrita. As experiências vividas por PAVONI (1989) em seus estudos de intervenção ilustram bem essa questão:

As histórias de fadas e de mito atraíam as crianças, levando-as a se interessarem pela leitura. A consequência desta prática foi o desenvolvimento da expressão oral e escrita, a ponto do rendimento melhorar também nas outras disciplinas. Sabe-se que um dos grandes problemas dos professores é que os alunos não sabem ler instruções, não entendem o que se pergunta. Além disso, observei melhor entrosamento social entre os alunos e destes com a professora. (p.10)

Este relato vivenciado pela autora nos mostra que é imprescindível que os alunos do ensino básico tenham um maior contato com o mundo do misticismo, da magia, do encantamento, e as narrativas populares podem proporcionar esse momento que transcende o universo desses pequenos alunos ao mundo da imaginação, possibilitando o desenvolvimento de habilidades que lhes permitam contar suas histórias de maneira mais elaborada. Busatto (2003) ao declarar o que a impulsiona narrar os contos nos

leva a uma maior reflexão sobre a importância das narrativas orais populares, sobre isso ela diz:

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p.45-46).

As motivações descritas destacam o quanto é importante instigar o imaginário infantil e o quanto é necessário que os professores se sensibilizem a promover o resgate e a revalorização das narrativas do imaginário regional e façam uso dessas estratégias de ensino que está tão próxima da realidade cultural de nossos alunos e que infelizmente alguns até desconhecem, algo lamentável e empobrecedor, tendo em vista a grandiosidade de nossa cultura e a riqueza de nossas histórias. Não nos limitemos ao uso do livro didático diante das múltiplas possibilidades que as narrativas regionais podem oferecer para aprimorar nossas didáticas e tornar eficientes nossas estratégias no que tange o ensino de leitura e escrita, mas adiante suscitaremos melhor essa questão.

## **2.2A REVALORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS COMO PRÁTICA AUXILIAR NO PROCESSO DE LETRAMENTO**

Para melhor esclarecer e enriquecer essa seção faremos alusão à alguns dizeres de Rubens Alves, brilhante educador e escritor, que ao longo de sua carreira promoveu diversas reflexões sobre o papel do professor na construção das habilidades de leitura e escrita dos alunos do ensino básico. Em uma de suas entrevistas, ALVES (2011) relata o que seria o papel real da educação:

O objetivo da educação não é ensinar coisas, porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar, criar na criança essa curiosidade. Para mim esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar.

Fazendo um contraponto com as características das narrativas regionais no âmbito educacional, notemos que o ensino conteudista<sup>4</sup> já não se encaixa em uma estrutura social dinâmica e informacional, no que tange a efetividade de aprendizagem, a contação de histórias abrange de maneira eficaz as muitas

---

<sup>4</sup> Modelo de ensino que prioriza o conteúdo

especificidades a serem desenvolvidas no processo de construção do pequeno leitor, por proporcionarem essa “alegria de pensar” (ALVES, 2011), essa satisfação em estar em contato com algo fascinante e encantador, a criança passa a ter prazer em estudar ao descobrir na leitura um mundo repleto de possibilidades. Ainda citando ALVES (2011) “essa é a situação certa para o ensino, quando o que o professor fala provoca a curiosidade da criança, e a criança interage, a criança pergunta” é imprescindível haver essa interação, o educador precisa fazer uso de estratégias que despertem o interesse do aluno, impedindo que sua atenção e curiosidade se dispersem ao longo de aulas monótonas e desprovidas de significado. A criança não irá criar gosto pela leitura simplesmente porque tem de ler ou pelo fato de estar sendo obrigada, ao contrário, a imposição gera um sentimento de repúdio a qualquer forma de tentativa forçada de imprimir nela o desejo de ler ou produzir escrita, uma das razões para tanto letramento recheado de lacunas, onde o aluno aprende a decodificar, mas não se torna apto a compreender e produzir textos. Nesse sentido GADOTTI(1998) corrobora dizendo:

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como ‘perigo’, ‘atenção’, ‘cuidado’, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente (p. 17).

Sendo assim, não podemos exigir que a criança/o adolescente passe a ver na leitura um ato prazeroso que deva ser realizado com satisfação, mas podemos incentivá-los, ensiná-los a gostar, a criança principalmente, busca explicações para tudo e não basta qualquer resposta desinteressada para convencê-la de algo, é necessário darmos bons subsídios para que nossos pequenos leitores passem a fazer da leitura e produção textual um hábito rotineiro e divertido, um momento de construção de saberes inovadores e relevantes. Voltando as considerações de ALVES (2011):

Como é que eu incentivo a leitura? Não é mandando ninguém ler. Porque a relação com a leitura é uma relação amorosa(...) você tem que criar o gosto pela leitura. E como você cria o gosto pela leitura? Não é mandando ler, mas lendo (...) a missão do professor não é dar

as respostas prontas (...) a missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade.

Como bem esclareceu Rubens Alves, incentivamos a leitura a partir da prática, escolhendo boas histórias, empregando dinamicidade e criatividade ao ato de narrar. Os contos e lendas regionais repletas de misticismo, encantamento e de criaturas grandiosas, imprimem no ato de ensinar esse fascínio que encanta, seduz e afasta da sala de aula a rigidez que por tantos anos provocou o distanciamento de muitos adolescentes e crianças do real significado da leitura e transformou esse hábito em algo enfadonho e desestimulante que sem agregar efetividade ao ensino, tornou muitos alienados de um sistema político e social pronto a sucumbi-las. Ao longo do próximo ponto elucidaremos melhor essa questão, demonstrando através da ótica do educador, como realmente está sendo aplicado as narrativas em sala.

### **3. USOS E DESUSOS DAS NARRATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR: Ponto de vista do professor de Língua Portuguesa**

Por meio de uma entrevista realizada com três professores da rede pública de ensino, elucidaremos nessa seção, as dificuldades e contradições relacionadas ao processo de letramento dos alunos do ensino básico, assim como os pormenores ligados a utilização das narrativas como uma estratégia significativa na construção do aluno/leitor. Iniciaremos com as considerações do “professor N1”, codinome que identificará nosso entrevistado, esse, por sua vez, demonstrou um diferencial que o destacou dos demais, ao longo da entrevista ele se mostrou muito empenhado em disseminar a ideia de um novo modelo de ensino, baseado em estratégias significativas e dinâmicas, que objetivem não somente a obtenção de nota, mas a eficácia do ensino, que para ele deve ser um processo continuado e constante, que abranja o maior número de possibilidades possíveis que valorizem o que é nosso, nossa cultura, nossas lendas, nossa gente. No que tange essa assertiva, o “professor N1” discorre que:

“A cultura de massa acaba com a nossa identidade cultural, a regionalidade que nos identifica acaba por se perder em meio aos modismos(...)muita televisão, muitos filmes, muito celular (...)a família também

não incentiva essa cultura (...) as narrativas regionais são muito importantes para o incentivo do hábito de leitura e escrita, afinal toda escrita parte da oralidade. Se eu sei organizar as idéias de forma coerente ao contar uma história, também saberei colocar isso no papel”

Ainda sobre a necessidade em transmitir o valor cultural contido nas narrativas regionais, o “professor N1”, considerou a ampliação do ensino para além da sala de aula como um fator necessário e instigante que viria a contribuir de forma significativa para um ensino dinâmico e engajado, pois levaria o aluno a conhecer a materialidade das lendas narradas, causando uma descoberta que vai muito além do que pode ser contido dentro do espaço escolar. Segundo os dizeres do “professor N1”:

“Como seria interessante se pudéssemos levar nosso aluno para conhecer os lugares descritos nas narrativas (...) mostrar-lhes a “Ilha da Pacoca”, o “Poço da Moça” (...) como seria bom se eles pudessem vislumbrar tudo isso, pois uma coisa é eu descrever como seria, outra bem diferente seria eu levar o meu aluno lá para ver, tocar, sentir (...) os alunos nunca esqueceriam essa experiência”

Mas esse idealismo logo deparou-se com uma grande barreira, a burocracia enquadrante existente no sistema escolar, que limita o ensino e mina muitas iniciativas como a do “professor N1”, que complementou dizendo:

“Pode ser que seja falta de interesse do professor? Talvez sim, mas seria loucura um professor, sem apoio nenhum, pegar uma turma de alunos e levá-la para um local distante (...) falta investimento e iniciativa do poder público, sem falar da rigidez das escolas, que ainda se mantém com um sistema de ensino arcaica que não contribui para um ensino significativo”

Essa dificuldade em ter acesso aos conteúdos de cunho regional, também resvalou na quantidade ínfima disponível de obras contendo as narrativas locais, que dificilmente podem ser encontradas nas bibliotecas públicas, pois encontram-se guardadas em imensos acervos acadêmicos, bem distante do espaço onde deveriam estar sendo manipuladas por nossos

educadores, a fim de possibilitar novas abordagens de ensino. Finalizando a entrevista o “professor N1” sugere:

“Se você procurar hoje em nossas bibliotecas narrativas do nosso município você não encontra (...) o conhecimento das nossas narrativas fica muito guardado (...) acredito que está faltando investimento local para a publicação dessas narrativas. Culpo até as universidades por isso, pois nos pesquisamos muito e não retornamos isso para a sociedade (...) esse conhecimento fica muito ao nível acadêmico. Há a necessidade de uma parceria entre universidade e município, para que esse conhecimento não fique engavetado e os alunos passem a ter acesso a ele”

Partindo para a entrevista com o “professor N2”, observamos que ele compartilha com as ideias do “professor N1” no que diz respeito a falta de livros regionais nas escolas e bibliotecas públicas, considerando que a perda da identidade cultural do aluno é consequência dessa escassez de conteúdo, como fica evidente em sua fala:

“O município não tem um espaço adequado para manter viva a história local (...) o que ainda existe são pessoas que se ocupam de preservar essa memória, mas você não pode dizer ‘aqui eu posso ir que com certeza irei encontrar a história de como surgiu Abaetetuba’ isso causa a falta de interesse e total desconhecimento, por parte das pessoas, de sua própria cultura local”

Assim sendo, a desvalorização das narrativas regionais no município de Abaetetuba implica em uma problemática que reflete no ensino público do município uma série de carências, no que diz respeito ao regionalismo dos alunos e as inúmeras possibilidades didáticas que poderiam ser desenvolvidas a partir da redescoberta da riqueza cultural contida nas narrativas locais.

Sobre o suscitado, a “professora N3” comenta que:

“Os alunos gostam de ouvir histórias, eles participam mais, eles reconstróem as histórias. Isso facilita muito o processo de letramento (...) mas os livros didáticos não possuem conteúdo regional (...) é muito difícil achar um livro que fale da cultura local (...) assim sendo eles vão perdendo sua cultura”

Assim como os entrevistados anteriores, a “professora N1” enxerga nas narrativas regionais um importante potencializador do aprendizado, que facilita de modo significativo o processo de letramento, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita que dificilmente poderiam ser suscitados por meio de estratégias rígidas e antiquadas. No entanto, sem apoio das universidades ou das instituições municipais, o acesso aos livros e conteúdos que reúnam as narrativas de contos e lendas de Abaetetuba, acaba se tornando muito difícil, limitando o ensino ao uso exaustivo do livro didático, que vindo de outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro, não possuem elementos marcantes de nossa região, provocando desse modo a descontextualização do ensino e o afastamento do educando da cultura que o identifica. Faz-se necessário, assim, uma parceria entre município, universidade e escola, para que as pesquisas realizadas pelos acadêmicos deixem os imensos arquivos das universidades e sejam publicados e enviados para as escolas, assim chegarão a um destino ao qual terão real importância e utilidade. E Para agregar uma possibilidade possível as práticas de ensino dos educadores, ao longo do próximo ponto elucidaremos algumas instruções e sequências de aulas, objetivando contribuir com uma proposta que poderá ser desenvolvidas em sala de aula de forma lúdica e acessível.

#### **4. Trabalhando as narrativas em sala: possibilidades e contribuições**

Tendo em vista a riqueza de contos e lendas da cultura do Baixo Tocantins, mas especificamente a região ribeirinha do município de Abaetetuba, agregaremos as iniciativas de pôr em prática os usos das narrativas orais em sala de aula, as lendas “O Boto” e “O curupira”, sem, no entanto, descaracterizar as antigas práticas narrativas dessa região, o que se tem em vista é proporcionar aos alunos momentos de transmissão e construção de novos conhecimentos por meio das rodas de contação de histórias, onde o professor deverá adotar uma postura diferenciada, tornando-se um “professor-narrador”, nesse sentido Bussato(2003) ressalta que narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador. A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar. Segundo Abramovich(1991) contar histórias é o uso simples e harmônico da voz. A expressão, a entonação

bem usada repassando sentimentos e a clareza no dizer são técnicas fundamentais ao professor/contador.

Além do cuidado com a postura e a entonação de voz, é necessário que o professor tenha em mãos alguns instrumentos para ilustrar melhor os elementos que compõe as lendas a serem contados, cartazes, fantoches, murais, um fundo musical, entre outros que possibilitarão com que o aluno se envolva na história e construa suas próprias significações.

Essas considerações são de suma importância na preparação para a oficina de contação de histórias que descreveremos mais a frente, construída a fim de atingirmos nosso objetivo proposto para a construção desse trabalho e colaborar com possibilidades de aulas que poderão ser adotadas e aprimoradas pelo professor.

#### 4.1 Oficina de contação de histórias

|   |                      |
|---|----------------------|
| <b>OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b> | <b>TURMA: 6° ANO</b> |
|---|----------------------|

|  |
|--|
| <b>TEMA:</b> Roda de contação de histórias |
|--|

|                  |
|------------------|
| <b>OBJETIVOS</b> |
|------------------|

|   |
|---|
| <b>GERAL:</b> Contribuir com a formação de alunos/leitores fluentes na interpretação e produção textual a partir de uma visão crítica e bem fundamentada. |
|---|

|                    |
|--------------------|
| <b>ESPECÍFICOS</b> |
|--------------------|

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Identificar as características e variantes das lendas ribeirinhas</li> <li>✓ Reconhecer e fazer uso de recursos inerentes a prática desenvolvida nas rodas de contação de história;</li> <li>✓ Promover o contraste entre as muitas versões das lendas propostas, a fim de instigar a interação entre os alunos;</li> <li>✓ Adequar os recursos das narrativas de lendas ribeirinhas em prol do desenvolvimento de habilidades inerentes a leitura e escrita;</li> <li>✓ Revalorizar o habito coletivo de narrar contos regionais, promovendo assim o encontro entre cultura e aprendizado;</li> <li>✓ Construção de um mural</li> </ul> |
|---|

**JUSTIFICATIVA**

O desejo em construir uma aula voltada para a exploração de recursos inerentes as narrativas regionais em favor do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, surgiu da necessidade em contribuir para um aprendizado mais dinâmico e participativo, onde possamos desconstruir práticas de ensino rotineiras, ligadas ao uso exaustivo do livro didático que em nada contribui para o desenvolvimento autônomo referente as habilidades oral e escrita do aluno. Optamos por trabalhar com a revalorização de práticas coletivas de contação de histórias das culturas ribeirinhas de Abaetetuba baseados no pressuposto de que a cultura tem sido pouco explorada em sala de aula, de toda a riqueza literária de contos e lendas maravilhosos de nossa cultura local que refletem a vivência e costumes de nossa gente, apenas uma pequena margem desse acervo tem sido levados para o contexto escolar, sendo que esses acabam por se tornar sem sentido e desanimadores por falta de didática adequada. Se formos analisar a fundo veremos o quanto temos desperdiçado por não saber como desenvolver aulas dinâmicas e sócio-culturalmente engajadas. Ao oferecer oportunidades de o aluno estar em contato com elementos de sua cultura, além de possibilitar seu reconhecimento identitário, estamos oportunizando um mundo de possibilidades a ser explorado por ele de forma autônoma e criativa, onde ele estará livre para criar suas próprias significações e se tornar sujeito participador e participante. Preparar nossos aprendizes para se tornar indivíduos ativos na sociedade, críticos e defensores de seus ideais, deve ser sempre uma prioridade de ensino, ao qual deve ser encarada pelo educador com ânimo e ousadia, uma empreitada que requer muita criatividade e constante renovação didática, não cair na inércia e comodismo talvez seja o segredo de uma educação significativa e consistente.

**METODOLOGIA**

**1° aula:**

- a) Esse primeiro momento consistirá em organizar a turma e a sala de aula, para um ritual que seguirá os dias seguintes à execução da proposta, assim sendo as cadeiras devem ser dispostas de modo a formar um círculo e a sala decorada com figuras e cartazes, previamente elaborados, no intuito de tematizar e envolver os alunos nas narrativas das lendas “ O boto” e o “ curupira”, poderá ser solicitada a colaboração do educando para a execução dessa tarefa como meio de obter sua participação e interesse integral.
- b) Feito isso, será chamada a atenção da turma para se sentarem em seus lugares, a fim de se colocar em pauta as motivações daquela aula, através de um diálogo, onde também será abordado o conteúdo das aulas, as narrativas “O boto” e “O curupira”.
- c) Realizado os esclarecimentos, alguns questionamentos serão direcionados aos alunos, no intuito de sondar-lhes os conhecimentos prévios sobre a temática, logo em seguida haverá o compartilhamento dessas vivências, onde cada aluno poderá falar um pouco sobre as versões que conhecem dessas lendas.

TEMPO PREVISTO: 90: 00

**2° aula**

- a) Para esse segundo dia de aula, a turma deverá se organizar como na aula anterior, para que então as lendas “O Boto” e “O Curupira” possam ser narradas, com o auxílio de um fundo musical contendo os sons característicos dos ambientes descritos. Esse instante será de suma importância para que os alunos percebam a riqueza cultural contida nas lendas, assim como se ambientalizem com os elementos característicos das narrativas.
- b) Encerrada a contação das lendas, haverá algumas interrogações no intuito de interagir e dialogar sobre as impressões dos alunos sobre as lendas

narradas, quais os sentimentos neles despertados ao longo da construção do conto.

- c) Nesse fim de aula será sugerido aos alunos que conversem com seus familiares e amigos sobre as lendas que eles ouviram e contaram na infância, a origem delas, os hábitos que envolviam essa prática, entre outras especificidades que ficarão a critério da curiosidade dos educandos.

TEMPO PREVISTO: 90: 00

### **3° aula**

- a) Esse terceiro momento consistirá em um diálogo dinâmico e interativo a cerca do resultado da pesquisa realizada pelos alunos, onde cada um deverá contar um pouco sobre as histórias coletadas, de onde vieram, quem costumava contá-las, como eram contadas, entre outras informações que poderão ser ressaltadas por eles.
- b) Feito isso, será sugerido que eles criem novas versões das lendas encontradas, de forma livre e criativa. Essa atividade deverá ser realizada em folhas de papel A4, contendo ilustrações dos personagens e ambientes das histórias construídas por eles, tendo em vista a complexidade da tarefa, será permitido que eles aprimorem a atividade em casa e tragam-na na próxima aula para a construção do mural.

TEMPO PREVISTO:90:00

### **4° aula**

- a) O início dessa última aula terá como ponto central a roda de contação de histórias, onde cada aluno devidamente sentado em seu lugar, como organizado no primeiro dia de aula, deverá narrar a lenda que construiu, retomando assim uma antiga prática dos moradores ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba.

- b) Ao término dessa atividade, haverá uma breve discussão, ao qual os alunos exporão suas impressões acerca das atividades executadas ao longo da oficina.
- c) Realizada a discussão, os alunos construirão um mural contendo todas as recriações das lendas ribeirinhas construídas por eles, ao qual ficará exposto em um local bem visível do colégio, a fim de dar credibilidade as criações dos alunos. Essa última atividade registrará o fim da oficina.

TEMPO PREVISTO:90:00

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da construção desse artigo, ficaram evidentes muitas justificativas para se adotar as narrativas regionais como prática de ensino no processo de construção da leitura e escrita do pequeno leitor, mas o que de melhor podemos extrair das possibilidades didáticas elucidadas é sua característica peculiar de humanizar o ensino, torná-lo mais acessível e participativo, convidando o aluno a adentrar no universo de magia e encantamento das histórias fantásticas que instigam o seu imaginário a provocar uma frequente desconstrução do aparente e ir mais além do proposto, do que os olhos veem, interpretar e recriar a partir do existente, promovendo assim uma educação mais dinâmica, reflexiva e rica em possibilidades.

No entanto, para que a teoria possa se aplicar a prática é necessário haver uma conscientização por parte dos poderes públicos, assim como das instituições acadêmicas, no sentido de empregar investimentos à publicações das pesquisas e obras arquivadas nas universidades que detenham os contos e lendas da nossa região, desse modo os educadores poderão ter acesso aos conteúdos necessários para que desenvolvam em sua sala de aula, dinâmicas que proporcionem a valorização das nossas narrativas e a construção de um ensino mais engajado e humano, que vise não somente capacitar os alunos para o mercado de trabalho, mas contribuir para a construção moral e cívica do indivíduo, para que quando confrontado com as adversidades sociais e políticas ele possa se colocar como sujeito atuante e crítico capaz de tomar

decisões coerentes, visando não somente o seu bem estar, mas o de sua comunidade em geral.

Humanizar o ensino e promover a identificação do educando como pertencente de uma determinada cultura, são ideais que podem ser desenvolvidos de modo substancial por meio narrativas regionais, tendo em vista sua característica particular de unir as pessoas e afastar o egocentrismo que atualmente tem se tornado o grande vilão de nossa sociedade. Ao ensinar devemos sempre estar ciente que estamos lidando com pessoas que poderão modificar nossa sociedade, por isso devemos nos munir de estratégias para conduzir nossos alunos por um caminho onde eles possam se deparar com a integridade e valores sólidos suficientes para resistir a corrupção política, ética e ideológica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione;1991.

ALVES,Rubens. **Entrevista para a revista digital**. Minas Gerais, 2011

BATISTA, L. C. **Entre causos e contos**. São Paulo: Taubaté, 2007

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**.Petrópolis: EditoraVozes, 2003.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**.Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

COSTA, Edil Silva. **Cinderela nos entrelaces da tradição**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, Fundação Cultural, EGBA, 1998.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da História cultural francesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FRIGOTTO, G. **Entrevista para a TV Paulo Freire**. Paraná: 2007.

GADOTTI, Moacir. **O que é ler? Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

PAVONI, Amarílis. **Os Contos e os Mitos no Ensino Uma Abordagem Junguiana**. São Paulo, EPU, 1989.

PAVONI, Amarílis. **Os Contos e os Mitos no Ensino Uma Abordagem Junguiana**. São Paulo, EPU, 1989.

VERNANT, J. P. **Entre mito e política**. 2. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002.